

1. MEMÓRIA DA FRATERNIDADE SACERDOTAL NO BRASIL

1. Início da “*União Sacerdotal Jesus Caritas*” em Fortaleza e no Brasil

Caríssimo Pe. Franco,

Finalmente, encontrei um tempinho para atender ao seu pedido para eu fazer um breve relatório sobre os primórdios da União Sacerdotal Jesus Caritas, no Ceará. Parece-me que foi em Fortaleza que ela teve início em nível de Brasil. O iniciador desta experiência de fraternidade sacerdotal segundo a espiritualidade de Charles de Foucauld foi o Pe. Francisco Hélio Campos, quando era pároco num bairro pobre e violento de Fortaleza, o famoso Pirambu. Sua experiência pastoral neste bairro se destacava como algo original no trabalho promocional com os pobres. Não saberia dizer como o Pe. Hélio, como ele era conhecido, se iniciou na espiritualidade de Charles de Foucauld. Ela vinha sendo divulgada na Igreja pelo fundador dos Irmãozinhos de Jesus, o Pe. René Voillaume, sobretudo através do seu livro “*Au Coeur des Masses*”, Fermento na Massa.

Pe. Hélio formou um grupo de colaboradoras leigas que o ajudavam no seu trabalho paroquial. Iniciou-as informalmente na espiritualidade dos Irmãozinhos e Irmãzinhas de Jesus, enquanto convidou alguns colegas padres para fazerem parte da União Sacerdotal Jesus Caritas, na década de cinquenta. Comunicou-se com Pe. Guy Riobé e o Pe. Pierre Loubier. Ambos foram responsáveis gerais da “União Sacerdotal Jesus Caritas”, morando na França. Ambos estiveram em Fortaleza no fim dos anos 50. O próprio Pe. Voillaume, passando por Fortaleza em 1958, fez uma conferência sobre a espiritualidade de Charles de Foucauld, na faculdade de Filosofia, onde estudavam jovens que depois entraram na Fraternidade feminina Jesus Caritas. Abriu uma casa das Irmãzinhas de Jesus no Pirambu.

Um grupo de padres simpatizantes da União Sacerdotal começou a se reunir mensalmente com Pe. Hélio Campos, no Pirambu, onde fazíamos a adoração e a revisão de vida, embora sem muita regularidade da parte de seus membros. A minha memória recorda os seguintes nomes: Pe. Geraldo Andrade Ponte, Pe. Oscar Peixoto Filho, Pe. José Alberto Castelo, Pe. Paulo Ponte, Pe. Eduardo Barros Leal, Pe. Antônio Souto.

Não sei como surgiu a idéia. O certo é que, no fim dos anos 50, Pe. Hélio pensou em convidar o Pe. Voillaume para pregar um retiro para padres de todo o Brasil na linha da espiritualidade de Charles de Foucauld. Ele optou pelo sítio de meu pai, no cimo da serra de Aratanha, município de Pacatuba, a uns 40 km de Fortaleza, de onde se descortina uma vista maravilhosa. Os membros da futura Fraternidade feminina ajudariam na preparação da infra-estrutura e no serviço doméstico. Uma parte dos padres ficaria dormindo em tendas do exército para montanhas no alto da serra, perto das duas casas do sítio.

O retiro ficou acertado para a data de 21 a 24 de julho de 1959. Não tenho a lista dos que participaram. Vieram de diversas partes do Brasil. Lembro-me bem do Pe. Waldir Calheiros, de alguns de Recife. Penso que o número era em torno de 60. No retiro, chamaram-me a atenção o sentido do absoluto de Deus, a pessoa de Jesus, as palestras sobre os conselhos evangélicos, destacando-se uma dedicada ao sentido espiritual e teológico do celibato sacerdotal, centrado na pessoa e na missão de Jesus.

Em março de 1961, pedi ao meu Arcebispo uma licença de seis meses para fazer um estágio na Fraternidade de Montbard, perto de Dijon, na França, admitindo a possibilidade de tornar-me irmãozinho de Jesus. Fiz o “*Mês de Nazaré*” em La Garde-Adhémar. Achei o conteúdo do retiro pregado pelo Pe. Voillaume muito parecido com o que ele tinha pregado em Pacatuba. Depois de 4 meses exercendo a tarefa de cozinheiro, decidi não ficar com os Irmãozinhos de Jesus, mas permaneci na França para fazer o Curso de Pastoral Catequética.

No ano seguinte, a União Sacerdotal planejou um “*Mês de Nazaré*” e uma peregrinação na Terra de Jesus para padres membros de várias partes do mundo, de 3 de julho a 7 de agosto de 1962. O “*Mês de Nazaré*” foi de 3 a 19 de julho, em Taybeh, a antiga Efrain bíblica, na entrada do deserto de Judá. Cinco brasileiros participaram: 3 de Fortaleza: Pe. Hélio Campos, Pe. Geraldo Ponte, meu irmão e eu, de última hora, porque estava estudando em Paris e estava sobrando uma vaga no avião; 2 de Belém: Pe. Ruy e Pe. Samuel. Dom Guy Riobé, já bispo de Orléans, Pe. Pierre Loubier e Pe. Segundo Galilea foram os principais animadores e organizadores. Participou também o Pe. Luigi Bettazzi que se tornou depois conhecido como Bispo de Ivrea. O avião partiu de Paris.

No início de 1964, voltei para Fortaleza, quando os Padres Lazaristas entregaram a Direção do Seminário ao Arcebispo. Pe. Geraldo Ponte e eu fomos integrar a equipe de Direção como Reitor e Diretor

Espiritual, respectivamente. No final de 1966, fechou-se o Seminário de Fortaleza e no ano seguinte fui fazer o curso Christus Sacerdos em São Leopoldo. Até a nomeação do Pe. Hélio como Bispo de Viana, 1969, os membros da União se reuniam em Pirambu, sem muita regularidade. Com a sua ida para Viana, no Maranhão, a União Sacerdotal em Fortaleza ficou desarticulada. Em 1971, eu fui nomeado bispo de Itapipoca.

Não saberia informar até que ponto Dom Hélio Campos procurou irradiar entre os presbíteros do Brasil a experiência espiritual da União Sacerdotal Jesus Caritas, hoje conhecida como Fraternidade Sacerdotal. Tenho a impressão de que vários outros padres de outras Dioceses e Estados foram atraídos para a Fraternidade Sacerdotal independentemente de uma ligação com Dom Hélio Campos e o grupo de Fortaleza.

São Luís, MA, 24 de maio de 2004

Dom Paulo Eduardo Andrade Ponte, Arcebispo de São Luís do Maranhão

2. UM POUCO DA HISTÓRIA

Prezado Pe. Bizon

Ouvi falar pela primeira vez da União em 1954, quando eu era seminarista no curso de filosofia. Durante as férias, D. Waldyr Calheiros Novaes, naquela época, Pe. Waldyr Calheiros, que era o vice-reitor do seminário, me emprestou um livro do Padre René Voillaume “Fermento na Massa”. Foi o primeiro contacto que eu tive assim, de certa forma, com a própria história. A própria espiritualidade do Irmão Carlos.

Depois disso, então comecei, não havia condição de freqüentar, mas, participando de alguma forma, daquilo que D. Waldyr nos passava, a mim e a outros colegas, sobre a própria União.

Nesse período também, havia no Rio de Janeiro a presença das irmãs no Morro de São Carlos, que era mais ou menos próximo do seminário, e havia muita facilidade de nós irmos visitar a Fraternidade das Irmãs. Aconteceu muitas vezes, sobretudo na primeira sexta feira, que havia uma noite de adoração. Era normal que os seminaristas fossem, e tivessem um contacto maior com a Fraternidade; e também com a espiritualidade do Ir. Carlos.

Mas, logo depois, eu fui para Roma, em 1955. Lá eu tive oportunidade de me relacionar com outros padres e seminaristas, que já tinham uma certa ligação com a União. E lá também, havia a Fraternidade. Para a Fraternidade de Roma, foram transferidas algumas Irmãs da Fraternidade do Rio de Janeiro, do Morro de São Carlos, o que facilitou muito a continuidade desse contato. Na volta de Roma, já padre, eu tive a oportunidade de procurar a Fraternidade.

Voltei em 1959. Na Fraternidade nessa época no Rio de Janeiro estava: D. Waldyr, que era Pe. Waldyr, e alguns padres da Arquidiocese, por exemplo, Pe. Cândido, já falecido. Padre Jorge Porto que foi assassinado. O padre Jorge Porto, era assim, um homem de extrema fidelidade a Fraternidade, aos compromissos da União. A gente deveria procurar desenvolver mais o conhecimento da história do Pe. Porto, que sem dúvida nenhuma, pode-se configurar de fato, como um martírio; porque ele foi morto, porque atendeu durante a madrugada, um pedido para ir visitar um doente. Depois Pe. Sebastião e Pe. Geraldo Barcelos, que era meu contemporâneo de seminário.

Pe. Geraldo Barcelos ainda estará na Fraternidade no Rio? Creio que sim. Ele continua na Fraternidade até hoje. Creio que ele é Pároco no Vicariato da Leopoldina, ainda hoje. Depois, chegaram Monsenhor Gilson, que ainda continua na Fraternidade. Pe. José Santos, que também continua.

Depois, veio uma segunda geração que foi de discípulos nossos, alunos no seminário, dos quais, de alguns deles, eu fui Diretor Espiritual. Pe. Geraldo Lima, que ainda está na Fraternidade, que era na ocasião da Diocese de Petrópolis. E alguns outros, seminaristas, dos quais não me lembro agora o nome, que também faziam uma espécie de Fraternidade.

Em 1964, tenho a impressão, foi realizado o Mês de Nazaré na Argentina, Mendonça. Eu não estava programado para participar desse Mês de Nazaré. Mas, nas vésperas, o Pe. Waldyr me chamou e disse: Você tem que ir. Ele disse que era muito importante o Mês de Nazaré. Em fim, na volta ele foi eleito Bispo, ele já sabia, e eu fiquei então, substituindo na União como responsável.

A nossa Fraternidade no RJ, eu creio que ela nunca foi de estrita observância; no sentido de que fossem muito fiéis, sobretudo, ao dia da Fraternidade. Nós realizamos muitas vezes, em algumas ocasiões, convidando padres que não eram da Fraternidade, mas, que eram simpáticos, e que portanto, gostavam de nossas reuniões, ao Mês de Nazaré; a pequenos retiros que nós promovíamos, até no meio do clero, que nos conhecia mais; nós fomos apelidados como “Grupo da Fome”, por causa da questão da pobreza; e de fato, havia no RJ, casas do clero, na praia, na montanha, ninguém ia. O pessoal dizia que só o “Grupo da Fome” que freqüentava, que fazia reunião nessas casas do clero.

Também houve uma presença muito positiva junto a Fraternidade no Rio de Janeiro. Foi quando o Padre Celso Pedro foi pro Rio, para dirigir o CENFI. Naquela ocasião, o CENFI era em Petrópolis, ele não conhecia muito os padres do Rio. Então ele pediu muito a nossa colaboração, as palestras lá para os missionários. Então, se estabeleceu assim, uma ligação muito grande com o Pe. Celso Pedro, através dele com alguns Padres da Fraternidade em São Paulo, com os quais fizemos alguns encontros juntos, lá no CENFI, em Petrópolis.

Sem muita fidelidade assim, heróica. Mas, a coisa continuou. Nós nos encontrávamos sempre, e sem dúvida nenhuma, eu acho que esse período, mesmo com nossas fraquezas, estabeleceu um certo figurino do padre da Fraternidade. Isso, eu acho que marcou bastante a todos nós que participamos.

O ponto de partida e começo de outras Fraternidades.

Sobretudo, depois da Ordenação Episcopal de Dom Waldyr, foi quando se deu a visita de René Voillaume e Guy Riobé. Não me lembro dos detalhes, mas perfeitamente dos encontros, das celebrações que nós fizemos com eles. Então, todo esse conjunto, a influência das irmãs, pela proximidade a influência de D. Waldyr e do Pe. Celso Pedro, tudo isso, constituiu assim, alguma coisa que configurou muito bem.

Eu freqüentei a Fraternidade até a minha nomeação de Bispo. Depois então, eu me afastei um pouco, tinha outras coisas; e as coisas não coincidiam muito. Mas fiquei sempre ligado. Um momento em que nós nos encontrávamos, era a celebração do dia 01 de dezembro, nos reuníamos todos da família que estava no Rio de Janeiro, as Irmãs, os leigos, a Fraternidade missionária, e nós então, nos encontrávamos neste dia 01 de dezembro, na celebração.

Depois não tive mais contacto com a Fraternidade do Rio de Janeiro. Tive oportunidade de ir também a dois retiros da Fraternidade. Um foi realizado em Duque de Caxias, fui eu que preguei; o outro foi em Taizé, BA. Dom Décio Pereira, bispo de Santo André, participou do retiro de Duque de Caxias.

Em Taizé teve muita gente, uns 64 presentes, depois eu perdi o contacto. As datas do retiro tem sempre coincidido com as datas dos retiros do Clero de Teresina, e eu não tenho podido estar presente. Naturalmente escaparam algumas coisas.

Brasília, DF, 23 de fevereiro de 2005

Dom Celso José Pinto da Silva, Arcebispo de Teresina, PI

3. A Fraternidade Sacerdotal Hoje

A Fraternidade Sacerdotal Jesus+Caritas no Brasil está organizada em três níveis: local, regional e nacional. Para articular a Fraternidade Sacerdotal Jesus+Caritas no Brasil há uma Equipe Nacional, composta da seguinte maneira:

Responsável nacional

Responsáveis regionais

Responsável pelo Boletim das Fraternidades

Responsável pelas finanças

Responsável pelo Mês de Nazaré

A Equipe encontra-se duas vezes ao ano: No mês de janeiro no retiro anual, que a cada ano acontece em uma das regiões do país, para facilitar a participação de um número mais representativo das fraternidades locais. Nos últimos anos tem participado dos retiros entre 70 a 80 pessoas, sendo a maioria padres. Participam também dos retiros, seminaristas da teologia, leigos/as da Fraternidade Secular, sempre duas Irmãzinhas de Jesus, um ou outro Bispo. No segundo semestre de cada ano acontece um encontro da Equipe de Coordenação. Devido às distâncias do país, ele acontece cada vez em uma região diferente.

Regiões e Fraternidades:

- Nordeste: Salvador e Alagoinhas, BA; Esperantina, PI e Juazeiro, BA com o Sul do Piauí.
- Norte: São Luiz, MA; Belém do Pará, PA e Manaus, AM com Boa Vista, RR.
- Centro Oeste: Goiânia com Goiás, GO; Brasília, DF e Rondonópolis, MT.
- Sul: Porto Alegre, Pelotas e Santa Maria, RS e Umuarama, PR.
- Sudeste: Rio de Janeiro e Pirai, RJ.
- Leste: São Paulo, São Miguel, Campinas, Guarulhos, Assis e Marília, SP.

Além das fraternidades organizadas existem outras nascendo ou em formação, assim como existem também alguns membros isolados e muitos que se simpatizam com a espiritualidade da Fraternidade Sacerdotal.

- **Mês de Nazaré:** Acontece a cada dois anos. O mês tem um padre responsável, e na realização de cada Mês de Nazaré ele compõe uma equipe para ajudar. Cada um desenvolve um tema durante uma semana.
- **Boletim das Fraternidades:** Publicação trimestral, sendo 3 ou 4 exemplares ao ano. O Boletim tem um padre responsável que solicita colaboração dos membros da Fraternidade.
- **Finanças:** A Fraternidade tem uma conta bancária e tem um padre responsável. A conta está em nome de dois membros da fraternidade, essa conta é para manter as correspondências e o Boletim das Fraternidades: serviços gráficos e correios.

São Paulo, SP, 25 de janeiro de 2005

Pe. José Bizon